

# A sensorialidade e os processos de subjetivação<sup>1</sup>

## *Sensoriatity and the processes of subjectivation*

Regina Orth de Aragão\*

**Resumo:** Tratamos, neste artigo, das relações entre a sensorialidade e o nascimento dos processos psíquicos, sendo a atividade psíquica compreendida pela psicanálise como estreitamente dependente das experiências corporais do infante, vividas no contexto de sua relação com seu objeto primordial, em geral a mãe.

**Palavras-chave:** Processos de subjetivação. Sensorialidade. Constituição Psíquica. Ritmicidade conjunta.

**Abstract:** *In this article we discuss the relationship between sensoriality and the birth of psychic processes, the psychic activity understood by psychoanalysis as closely dependent on the infant's bodily experiences, lived in the context of his relationship with his primordial object, usually the mother.*

**Keywords:** *Processes of subjectivation. Sensoriality. Psychic constitution. Joint rhythmicity.*

---

<sup>1</sup> Texto composto a partir da palestra apresentada na Mesa-Redonda “Narrativas sensoriais”, no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, em 19 de maio de 2017.

\* Psicanalista, membro efetivo do CPRJ.

Para a psicanálise há o pressuposto de que o bebê constitui sua subjetividade a partir de suas experiências corporais. Trata-se então de tentar compreender como os primeiríssimos laços psíquicos, especialmente aqueles que emanam da sensorialidade, intervêm nos processos de subjetivação.

Nessa perspectiva, Winnicott (1949/1969) enfatizou a importância do processo de personalização, que envolve justamente o estabelecimento de ligações entre a psique e o corpo. Grande parte das experiências sensoriais e corporais do bebê nascem e se desenvolvem em torno dos cuidados, nos quais a criança é objeto de investimento de seu objeto primordial, em geral a mãe. De certa forma, todo o processo de subjetivação implica o paradoxo de ter origens exteriores a si, mas que são também partilhadas com os objetos do ambiente. Nessa experiência prevalece a ilusão temporária de uma indiferenciação entre o fora e o dentro. O processo de subjetivação no bebê se faz então pela aceitação e apropriação progressiva de suas experiências sensoriais, mas também pela apropriação das experiências sensoriais partilhadas com os adultos de seu ambiente.

Nesse tempo dos laços iniciais, os sujeitos e objetos psíquicos compreendidos como componentes de uma relação objetal ainda não estão constituídos no bebê. Eles se organizarão como tais a partir dos primeiros vínculos, assim como irão se definir os espaços internos e externos. Nesse momento, o objeto não existe para o bebê enquanto outro, ele é investido de uma maneira totalmente narcísica. Em um bebê a experiência sensorial passa a ser um fator subjetivante na medida em que se dá uma adequada integração de suas poli-sensorialidades com o papel rítmico integrador do ambiente materno (GOLSE, 2006) e que ele pode experimentar a vivência de um pleno compartilhar afetivo.

O estudo das sensorialidades é ainda relativamente recente na psicanálise, e são em parte as contribuições da clínica dos primórdios e os estudos sobre o psiquismo perinatal que têm contribuído para seu desenvolvimento. As sensorialidades podem ser descritas como o conjunto das experiências psíquicas que se expressam em torno dos órgãos dos sentidos. A. Konicheckis (2008) propõe considerar a sensorialidade como o complemento libidinal da percepção, sua face afetiva.

O sensorium se forma essencialmente sobre as superfícies de encontro entre partes do corpo e objetos do mundo externo, e encarna toda a ambiguidade da noção de “partilha”, ao mesmo tempo encontro e separação. Fenômeno de contato entre o fora

e o dentro, portanto, a sensorialidade comporta igualmente os laços que se estabelecem entre a psique e o soma (KONICHECKIS, 2013, p. 6).

As primeiras experiências sensoriais do bebê são fragmentadas e descontínuas, e será a atividade psíquica que deverá ligá-las. As adaptações satisfatórias, assim como as inadequações de parte dos adultos que cuidam do bebê, por falta ou por excesso, são experimentadas por ele como uma experiência sensorial. A pele ganha aqui uma importância muito grande, pois possui a faculdade de conter e de ligar todos os órgãos dos sentidos, e favorece assim a constituição de uma integração. Não é possível supor no bebê experiências que se passem fora da sensorialidade. Como afirma Golse (2002), são os sentidos despertados que confirmam a presença de um objeto.

O ser psíquico do sujeito bebê poderia ser definido pela intensidade de suas sensorialidades, que instauram um espaço pessoal e fundador do sentimento de si. Elas tratam de uma experiência íntima, única para cada bebê e dificilmente transmissível. O sensorium delimita e cria uma espécie de cartografia, que permite estabelecer os limites, as fronteiras, as diferenciações entre si e os outros a partir de uma experiência interna, própria, pessoal, mesmo que ela seja tão múltipla quanto variada. Antes do nascimento a criança é envolvida por um meio que produz sensações cenestésicas, auditivas e gustativas. Depois do corte do nascimento, a criança reencontra sensações que estarão mais ou menos em continuidade com aquelas que ela sentia antes: o tom das vozes, a cadência dos movimentos, os batimentos cardíacos e os ritmos corporais maternos. Nos momentos de afastamento do objeto, o que a criança perde não é a figuração da pessoa de sua mãe, mas sim as experiências sensoriais que ela partilhava com a mãe. O sentimento de identidade pessoal se cria então a partir da atividade psíquica sensorial, e Konicheckis propõe a noção de *identidade sensorial* (KONICHECKIS, 2000), referindo-se a essas características das experiências sensoriais que compõem pouco a pouco a identidade própria de cada ser.

Assim, o bebê cria seu conhecimento dos objetos pelos efeitos sensoriais que eles provocam, pois no início ele sente as sensações e as modalidades perceptivas, e não o objeto do qual elas emanam. Em seu texto sobre a negativa, Freud (1925/1976) lembra que o julgamento de atribuição, que diz respeito às características do objeto, precede o julgamento de existência, o que decide se o objeto existe ou não na realidade externa. O materno, enquanto qualificativo,

precede a formação psíquica da representação da mãe. O bebê muito pequeno se deixa carregar pelos braços dos adultos que o cercam. Ele se abandona e adere à forma dos corpos que o sustentam. Seu sentimento de continuidade de existir se apoia sobre outros corpos e pelo prolongamento nesse outro espaço.

Myriam David (2014) sustentava que nos primeiros anos de vida da criança sua motricidade espontânea e as vivências sensoriais de seu corpo permitem a ela toda uma série de descobrimentos. A atividade psíquica do bebê estaria contida e se exerceria a partir de sua sensório-motricidade, ambos os fatores estando em contínuo processo de integração para desenvolver o psiquismo. Em suas palavras:

Por psiquismo eu entendo essa força interna que habita em nós, misteriosa, invisível e impalpável, em atividade perpétua e permanente, em busca de processos de “funcionamento”, de “regulação”, de “organização”. ...Durante os primeiros anos, o que se dá com o psiquismo também se dá com o desenvolvimento motor do bebê. É ele mesmo, e somente ele, o bebê, que o elabora a cada dia, “a pequenos passos”, utilizando os recursos que lhe são oferecidos gradualmente, de um lado pelo estado de desenvolvimento e pela integridade de seu aparelho neuro-sensório-motor, e, é claro também, por seus encontros interativos e intersubjetivos com o ambiente próximo, material e humano, do qual ele se alimenta (DAVID, 2014, p. 280).

Essa força de atividade permanente e dinâmica em busca de processos de organização e ligação tem como ponto fundamental o encontro com o outro, com as características de sua ritmicidade e narratividade. Esse início da vida é de certa maneira o reino da sensorialidade, da motricidade e do ritmo, ancorados no corpo e no contato com o outro.

Partimos da base de uma sensorialidade inata ao bebê que une o interior e o exterior por intermédio dos órgãos sensoriais e das excitações que recebem e geram sensações. Essa sensorialidade primitiva configuraria fluxos sensoriais (HOUZEL, 2002) inicialmente indiferenciados. As excitações serão diferenciadas, coordenadas e integradas pelo papel do outro subjetivante, que ao refleti-las, espelhá-las e traduzi-las, possibilitará que se crie uma “ritmicidade conjunta” no vínculo. É o ritmo que funcionará como organizador dessas polissensorialidades (GOLSE, 2010).

Um dos pontos a enfatizar nos estudos sobre o bebê é a relativa discrepância entre, de um lado, sua “aptidão” sensorial, e, de outro, sua “incompetência”

motora, o que parece levá-lo a precisar, literal e metaforicamente, do corpo, dos braços do outro. Dentro do campo da psicanálise lembramos Winnicott, que ao descrever a função materna serve-se de um vocabulário corporal quando fala em “*holding*” e em “*handling*” como meios fundamentais para dar ao bebê humano sua consistência numa continuidade de existir.

As conceituações de Didier Anzieu (1985) sobre o Eu-pele e o envelope psíquico, e de Esther Bick (1968) sobre a pele psíquica oferecem modelizações interessantes a respeito dessa passagem entre sensorialidade e simbolização. As duas noções, de envelope psíquico e de pele psíquica, apontam para o papel da função continente do objeto externo internalizado.

O Eu-pele teria uma dupla origem, epidérmica e proprioceptiva, e a partir dela estabelecem-se as primeiras barreiras defensivas que filtram as trocas, tanto internas quanto com o mundo externo. Foi definido por Anzieu (1985) como uma

Figuração da qual o Eu da criança se serve durante as fases precoces do seu desenvolvimento para se representar a si próprio como Eu contendo os conteúdos psíquicos, a partir de sua experiência da superfície do corpo... (ANZIEU, 1985, p. 39).

As três funções principais do Eu-pele foram apresentadas no artigo de 1974 (ANZIEU, 1974) e correlacionadas diretamente com as proposições de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo e as funções da mãe. A primeira dessas funções é a da manutenção do psiquismo, ligada ao fato de a pele sustentar os músculos e o esqueleto, e se desenvolver por interiorização do *holding* materno. A segunda relaciona-se com o fato de a pele recobrir todo o corpo, assim o eu-pele envolve o psiquismo e o contém, desenvolvendo-se igualmente pela interiorização do *handling* materno. A terceira função é a de proteção contra os estímulos externos excessivos, função de para-excitação.

Na leitura de R. Roussillon (2007), a problemática central tratada pelo Eu-pele é aquela da diferenciação eu/não-eu, já que sua função é a de oferecer uma primeira forma de delimitação entre o Eu e seu ambiente. A segunda diferenciação tratada pelo conceito é a que se dá entre o Eu psíquico e o Eu corporal, porém esses processos não podem se passar, lembra Roussillon, “sem um tempo prévio, o da construção de uma pele comum entre a mãe e o bebê” (ROUSSILLON, 2007, p. 95). Essa pele comum é diretamente dependente da qualidade dos cuidados maternos, e das satisfações dadas à pulsão de apego e

à comunicação precoce que ela subentende. Está aqui em primeiro plano o campo sensório-motor como uma primeira forma de “compartilhar de afetos”.

Em relação à dimensão da reflexividade, o primeiro desafio colocado pelo Eu-pele seria justamente o de (se) sentir, e o bebê aprenderia a (se) sentir a partir da maneira com a qual ele é sentido por seus objetos primordiais; em seguida, tratar-se-ia do se ver, e também aqui o bebê aprenderia a se ver a partir da maneira como ele é visto. O mesmo valeria para ser ouvido e se ouvir. D. Anzieu (1985) enfatiza que a pele representa o primeiro modelo da reflexividade pois, ao tocar, o sujeito percebe-se de fora pela parte que toca, e de dentro pela parte que é tocada. Para Roussillon (2007), “o interesse do paradigma da reflexividade é o fato de abrir sobre a questão do lugar do objeto no nascimento e nas formas” (ROUSSILLON, 2007, p. 101) que ela apresenta. “Se a forma ‘se sentir’ é a primeira da reflexividade, como pensar aí o lugar do objeto?” (ROUSSILLON, *loc. cit.*). A partir da suposição da “pele comum” desempenhando uma regulação “transicional” no seio da unidade dual mãe-bebê, pode-se completar descrevendo a função do objeto na passagem da sensório-motricidade inicial ao afeto sensório-motor, que adquire valor de mensagem. Esse compartilhar sensório-motor opera por meio de microtrocas e ajustamentos microposturais entre o bebê e a mãe, e poderíamos completar que ele opera também a partir da ritmicidade conjunta que se constitui entre ambos, e “permite dar progressivamente à experiência sensorial o valor de uma mensagem, e portanto de um ‘significante’ psíquico” (ROUSSILLON, 2007, p. 102).

É a passagem progressiva da experiência corporal ao estatuto de mensagem intersubjetiva que me parece estar na origem do descolamento da pele a pele inicial, do descolamento da pele de um e da pele do outro, ao mesmo tempo em que se opera a passagem e a transformação do propriamente corporal à *representância* psíquica, que será, ela, capaz de se perceber como representação psíquica, como representação de si ou de momentos de si (ROUSSILLON, 2007, p. 102).

Assim se daria a passagem do Eu-pele corporal ao Eu-pele psíquico, representante do envelope psíquico do sujeito, e também do encontro com o objeto. Essa compreensão proposta por Roussillon (2007) descreve exatamente o deslizamento do corpo para o psíquico, para o campo das primeiras representações, nos processos iniciais de diferenciação entre o sujeito e o

objeto. O Eu-pele metaforiza assim, ao mesmo tempo, a intimidade sensorial e a função materna.

Antes de Anzieu, mas dentro da mesma perspectiva que enfatiza a relação do corpo com a constituição do psiquismo da criança, Esther Bick (1968) havia proposto a noção de “pele psíquica”, objeto continente introjetado pelo bebê que delimita as fronteiras entre o interno e o externo. Segundo sua concepção, a função primária da pele do bebê é a de unir as partes do corpo ainda não diferenciadas e não integradas. Em sua forma mais primitiva, essas partes da personalidade são sentidas como não tendo nenhuma ligação entre si e são mantidas unidas, passivamente, pela pele funcionando como limite. Essa função de contenção das partes não-integradas do bebê depende da introjeção inicial de um objeto externo (mãe/seio), que dará lugar à fantasia dos espaços interno e externo. O objeto continente introjetado é experimentado como uma pele – tem a função da “pele psíquica”, limite e fronteira entre o interno e o externo. Apenas mais tarde a identificação com essa função do objeto substitui o estado não-integrado e dá origem à fantasia de espaços internos e externos, e só então a criança poderá se servir dos mecanismos de cisão e idealização. Até então a identificação projetiva seguiria sendo o mecanismo psíquico dominante.

Esther Bick (1968) propõe elementos para a diferenciação entre os estados de não-integração, enquanto experiência passiva de total desamparo, e os de desintegração, que já envolve uma operação defensiva ativa, por meio dos processos de cisão. Faz referência à mesma distinção estabelecida por Winnicott (1969) ao descrever os processos de desenvolvimento emocional primitivo, e associa as ansiedades catastróficas ao estado de não-integração, enquanto as ansiedades persecutórias e depressivas já indicam uma primeira organização do aparelho psíquico. O desenvolvimento insuficiente dessa função da pele pode ser atribuído a falhas de adequação do objeto, e pode levar ao desenvolvimento de uma “segunda pele”, por meio da qual a criança se mostra numa pseudoindependência, usando inapropriadamente certas funções mentais com o propósito defensivo de criar um substituto para essa função de pele continente.

Segundo E. Bick, o bebê vai viver, com o nascimento, uma sensação de perda do continente, concomitante à descoberta do peso, como uma sensação de queda ou de “explosão”, ou melhor, de escoamento por perda dos limites continentes. Seriam as angústias mais primitivas, e o bebê precisa encontrar no ambiente um objeto continente ótimo “que apazigue suas angústias de queda, e lhe permita restabelecer a continuidade com os elementos da vivência pré-

-natal, e a interiorização de uma pele que manterá ligadas juntas as diferentes partes de sua personalidade” (BICK, 1968).

Os trabalhos de G. Haag (1985) trouxeram novas compreensões sobre as primeiras etapas integrativas percorridas pelo bebê. A partir da constituição da “primeira pele” (BICK; ANZIEU) o bebê precisará reunir os dados esparsos de sua experiência sensorial: junção mão-boca, depois junção do hemisfério direito e esquerdo em torno de uma linha central de divisão vertical, reunião da parte de cima e de baixo do corpo em torno do eixo de divisão horizontal. Para Haag, essas primeiras representações de junções corporais simbolizam os laços estabelecidos pela criança com os objetos e também com partes dela mesma. Esse considerável trabalho psíquico só é possível se for sustentado pela solidez e pela fiabilidade da atenção do ambiente, especialmente da mãe.

Nessa mesma linha, A. Konicheckis trata da importância do movimento da criança, afirmando que “o movimento corporal se expressa como um fio que liga as excitações esparsas e difusas” (KONICHECKIS, 2008, p. 49). Assim, a identificação aos seus próprios movimentos favorece os primeiros sentimentos identitários da criança – de certa forma, o movimento comportaria o berço da representação do objeto. As diversas expressões da sensorialidade, por meio de pré-simbolizações corporais, confirmam e aprofundam o postulado de Freud de que “o Eu é antes de tudo um Eu corporal, ele não é somente um ser de superfície, mas é ele-mesmo a projeção de uma superfície” (FREUD, 1923/1976, p. 270).

As percepções do movimento e da ritmicidade interna vão permitir ao bebê articular suas próprias atividades e movimentos ao ritmo de sua mãe, ou daquele com o qual ele se encontra em relação. Trata-se, nesse ajustamento recíproco, de uma criação rítmica a dois; cada díade terá seu ritmo próprio, seu estilo temporal. As situações de cuidado corporal, de alimentação, são o protótipo disso: a articulação profunda dos ritmos do bebê e da mãe determina uma dança e uma música que acompanham o texto das palavras.

G. Haag (1986/2003), ao estudar a estrutura rítmica do primeiro continente, a mãe, no prolongamento de concepções de Meltzer e Tustin, mostrou a importância dessas primeiras articulações da interpenetração dos olhares, dos ritmos e dos corpos como experiências para o bebê se sentir contido nesse envelope primário, condição para a construção do psiquismo. Essa interpenetração rítmica realiza uma relação onde cada aspecto de um é recebido e contido pelo outro numa relação de holding psíquico.



Essas várias concepções buscam descrever como se constrói o pensamento e a atividade psíquica do bebê no seu próprio corpo: gestos, mímicas, movimentos do bebê sendo ao mesmo tempo indicativos e construtivos da própria atividade psíquica. A observação nos mostra que, nas origens, tudo se passa no corpo e na relação. O corpo do bebê apresenta-se como o teatro privilegiado no qual a experiência, a expressão e a elaboração de seu vivido na relação com o outro se dá, construindo as passagens entre o nível sensitivo-sensorial até a futura simbolização do objeto ausente.

Assim, uma das necessidades básicas do bebê é a de ser contido em sua vida psíquica. A partir daí ele vai descobrir a alteridade e desenvolver a capacidade de simbolizar as experiências, o que pressupõe poder lidar com a experiência da ausência do objeto. É importante lembrar que o objeto continente é interativo – a continência se dá no jogo relacional, entre as capacidades perceptivas do bebê e a capacidade materna de sintonia afetiva.

Isso tudo indica que o trabalho psíquico do outro é central para a maneira como a criança vai conseguir, ou não, compor seus processos de subjetivação e de simbolização. O processo de subjetivação é inseparável do processo de reconhecimento do outro enquanto objeto subjetivamente investido pelo bebê. Mas, para que isso se dê, o “outro-sujeito” (ROUSSILLON, 2006) do bebê só ganhará estatuto de objeto investido pela criança porque terá intenções e disposições interpretativas em relação a ela.

**Regina Orth de Aragão**  
reginaoa@uol.com.br

## Referências

ANZIEU, D. Le moi-peau. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Paris, n. 9, p. 195-203, 1974.

\_\_\_\_\_. *Le moi-peau*. Paris: Dunod, 1985.

BICK, E. The experience of the skin in early object-relations. *International Journal of Psychoanalysis*, Londres, v. 49, p. 484-486, 1968.

DAVID, M. *Prendre soin de l'enfance*. Toulouse: Érès, 2014.

FREUD, S. (1923). *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 73-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

\_\_\_\_\_. (1925). *A negativa*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.295-300. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

GOLSE, B. Le bébé à l'épreuve des sens. In: ANDRE J. e BAUDIN M. *La vie sensorielle*. Paris: PUF, 2002.

\_\_\_\_\_. *L'être-bébé*. Paris: PUF, 2006.

GOLSE, B.; ROUSSILLON, R. *La naissance de l'objet*. Paris: PUF, 2010.

HAAG, G. La mère et le bébé dans les deux moitiés du corps. In: *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, Paris, 33, 2-3, p. 107-114, 1985.

\_\_\_\_\_. Hypothèse sur la structure rythmique du premier contenant, *Gruppo*, n. 2, 45-53, 1986.

\_\_\_\_\_. O teatro das mãos. In: *Revista Brasileira da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, vol. X, n. 1, p. 9-27, Porto Alegre, abril 2003.

HOUZEL, D. *Laube de la vie psychique*. Paris: ESF, 2002.

KONICHECKIS, A. Identité sensorielle chez le bébé et à l'adolescence. In: GUTTON, P. & GODENNE, G. *Troubles de la personnalité, troubles de la conduite. Monographie ISAP*. Paris: GREUPP, 2000. p. 139-149.

\_\_\_\_\_. *De génération em génération: la subjectivation et les liens précoces*. Paris: PUF, 2008.

\_\_\_\_\_. Continuités, discontinuités... de la difficulté à établir des liens psychiques. In: *Les séparations*. Toulouse: Érès, 2013. p. 57-70.

ROUSSILLON, R. *Paradoxos e situações limite da psicanálise*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

\_\_\_\_\_. Le Moi-peau et la réflexivité. In: *Didier Anzieu: le Moi-peau et la psychanalyse des limites*. CHABERT, C. CUPA, D., KAES, R., ROUSSILLON, R. (orgs.) Toulouse: Érès, 2007.

\_\_\_\_\_. *Le transitionnel, le sexuel et la réflexivité*. Paris: Dunod, 2008.

WINNICOTT, D. (1949). L'esprit et ses rapports avec le psyché-soma. In : *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot, 1969, p. 66-79.